

■ HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA NO PAÍS

O retrato e a evolução de uma arte que ainda ajuda a divulgar Angola

Parte considerável dos fotógrafos angolanos que surgiu no período pré e pós-Independência aprendeu a arte nos estúdios de portugueses, onde começou como guarda, evoluindo mais tarde para empregado de limpeza, aprendiz de fotografia, fotógrafo e proprietário



Kindala Manuel

Usada como base de informação e comunicação não-verbal nos vários sectores da vida, a fotografia consiste basicamente em registar imagem numa superfície, com acção da luz. A sua invenção é atribuída ao francês Joseph Nicéphore Niépce, entre os anos de 1822 e 1826, sendo desenvolvida mais tarde pelo compatriota Louis - Jacques Mande Daguerre. Em relação ao tempo de exposição, tamanho do artefacto e qualidade da imagem, a fotografia foi patenteada oficialmente como criação francesa no dia 19 de Agosto de 1839.

Apesar disso, dados históricos deixam claro que o seu surgimento resultou do contributo de autores de diferentes campos do saber, que desenvolveram técnicas de observação e criação da imagem, séculos antes do francês Niépce.

Em Angola, renomados fotógrafos que se destacaram nesta área, tanto antes como depois da Independência, consideram que o surgimento e massificação da fotografia no país teve início com o processo da colonização portuguesa, nos anos de 1840 a 1900.

A necessidade natural da imagem fez com que as fotos tivessem forte impacto na evolução dos periódicos que foram aparecendo na altura, como o Boletim Oficial, A Civilização da África Portuguesa, o Echo de Angola, Kamba dia Ngola, A Província de Angola e outros.

Em Angola, renomados fotógrafos que se destacaram nesta área, tanto antes como depois da Independência, consideram que o surgimento e massificação da fotografia no país teve início com o processo da colonização portuguesa, nos anos de 1840 a 1900. A necessidade natural da imagem fez com que as fotos tivessem forte impacto na evolução dos periódicos que foram aparecendo na altura, como o Boletim Oficial, A Civilização da África Portuguesa, o Echo de Angola, Kamba dia Ngola, A Província de Angola e outros

De acordo com o fotógrafo Carlos Alberto Guimarães, a popularidade do retrato urbano tomou conta de Luanda a partir do ano de 1900. A actividade era exercida maioritariamente por portugueses, detentores de estúdios, máquinas fotográficas, revistas e jornais.

Após ingressar no mundo da fotografia nos anos 60, por incentivo do pai, que também exercera a profissão, o nosso interlocutor testemunha o predomínio das máquinas de fabrico francês "Laminute", em formato de caixote de chapa 9/12, no interior do qual o fotógrafo tinha que colocar a cabeça, ficando coberto por um pano preto, para revelar a foto.

Este foi o cenário da capital do país por longos anos, no período que antecedeu a

Independência. Os "freelancers" actuavam em zonas de movimento, como o mercado de São Paulo, Kinaxixi, jardins, conservatórias e lugares de concentração populacional.

"Uma boa parte dos fotógrafos angolanos que surgiu no período pré e pós-Independência aprenderam a arte nos estúdios de portugueses, onde começaram como guardas, evoluindo mais tarde para empregados de limpeza. Os que se adaptavam facilmente ganhavam a confiança dos patrões e tinham a oportunidade de aprender as técnicas de laboratório, tornando-se a seguir impressores. Só depois de adquirirem os conhecimentos de laboratório, eram admitidos como fotógrafos, mas ainda sob controlo do patrão, o dono do estúdio de fotografia", contou.

A partir de 1966, Carlos Guimarães trabalhou como repórter fotográfico do Centro de Informação e Turismo de Angola (CITA), instituição que tinha a função de fazer fotografia e cinema, ligados ao turismo e actividades governamentais. De acordo com o retratista, o CITA tinha também a missão de fornecer material informativo aos jornais que existiam na altura, como A Província de Angola, Jornal o Comércio, Diário de Luanda, revista Notícias e outros órgãos.

Após o 25 de Abril, com a extinção do CITA, o grupo de fotógrafos constituído por Domingos José, um dos melhores técnicos de laboratório na altura, Lucas de

Sousa, Veríssimo da Costa, André Maurício, Joaquim António Gouveia, Augusto Bernardo, Fernando Vieira, Alfredo Saraiva e Carlos Guimarães foi enquadrado no Departamento de Fotografia e Cinema do Governo de Transição, com a missão de cobrir todas as actividades da véspera e do dia de proclamação da Independência.

Proclamação da Independência

Carlos Guimarães conta que à medida que se aproximava o dia da Independência, houve necessidade de fazer a fotografia oficial do Presidente Agostinho Neto, com orientações expressas para que o retrato fosse colocado de imediato no aeroporto e no Palácio Presidencial.

"No dia 4 de Novembro, chamaram-nos para fazer a fotografia oficial do Presidente e da família, mas a situação (de confrontação militar) que vigorava na altura não dava margem de tempo para o Presidente posar para a foto. Depois de várias tentativas, conseguimos. Fizemos a impressão e entregámos ao Presidente Neto o pacote de retratos para o próprio escolher a foto oficial".

Segundo Carlos Guimarães, o momento era de guerra, com o ataque das tropas inimigas a partir de Kifangondo. Acrescentou que, na véspera da Independência, o grupo de profissionais da Divisão de Fotografia e Cinema do Governo de Transição foi colocado em vários pontos

da cidade de Luanda, com a finalidade de reportar os momentos mais marcantes que se viviam, cujo destaque recaía para a Batalha de Kifangondo.

Sob explosões que aconteciam um pouco por toda a cidade capital, os fotógrafos não tiveram tempo de ir a casa e quase não dormiam, no período que antecedeu a proclamação da Independência, como garante o "kota" Guimarães.

"Tínhamos uma equipa corajosa, que trabalhou até à exaustão nesta época, coordenada pelo mais velho Domingos José, pai do actual ministro das Relações Exteriores de Angola. Num sistema de rotatividade, estávamos destacados em pontos estratégicos, para cobrir os acontecimentos ligados ao aeroporto, Palácio, movimento da população na periferia e os confrontos de Kifangondo".

Conta que, logo que reportassem o suficiente, desciam ao prédio do Palácio de Vidro com os rolos, que eram revelados de imediato e distribuídos em seguida para os órgãos de comunicação.

A fotografia oficial do Presidente Agostinho Neto só chegou às mãos do nosso interlocutor no dia 9 de Novembro, com a orientação de colocá-la já em quadro, no Aeroporto 4 de Fevereiro, no dia seguinte.

"Recordo-me que era uma foto num quadro do tamanho 80X120 cm, que colocámos na sala protocolar na manhã do dia 10, quando já havia delegações internacionais a

chegarem para testemunhar a Independência".

"No dia 11 de Novembro de 1975, cobrimos a proclamação da Independência no largo 1º de Maio, às zero horas. Às dez do mesmo dia, o acto solene da investidura do Presidente Agostinho Neto, no Governo da Província, e às 18 horas retratámos a festa da Independência que aconteceu no jardim do Palácio Presidencial".

Entretanto, logo após a Independência, os fotógrafos estrangeiros que trabalhavam em revistas e jornais apressaram-se a abandonar o país, face à situação de guerra. Houve então necessidade de juntar um grupo de fotógrafos angolanos experientes, junto ao Ministério da Comunicação Social, criando-se a "Agência de Fotografia ENFOTO", onde na qual o nosso entrevistado desempenhou o cargo de director adjunto para a Área Técnica, até 1992.

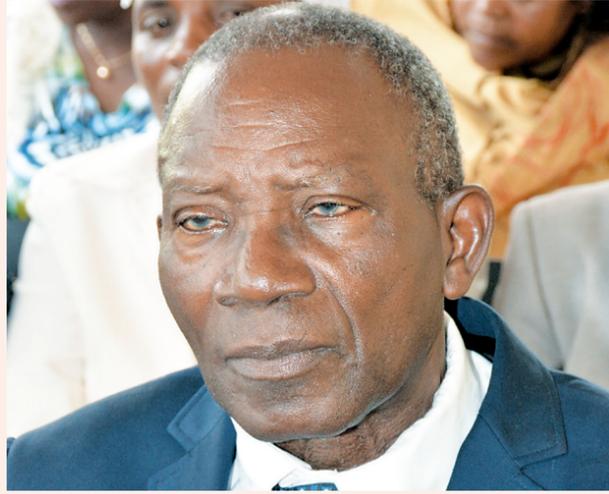
Com o surgimento do multipartidarismo, nesse ano, houve abertura para o surgimento de órgãos de comunicação privados e a ENFOTO foi extinta, transformando-se em AFOTO. Por conta disso, parte dos fotógrafos tiveram que se transferir para outros órgãos. Entre eles estavam Francisco Bernardo e Maurício Maquembá, para o *Jornal de Angola*, Veríssimo da Costa, para a Angop, Santos Garcia, para Assembleia Nacional. Outros preferiram os jornais privados e revistas que surgiram na febre do momento democrático que então começava.

O criador da Foto Carmona

Carmona Somano é conhecido nas lides da fotografia urbana como um dos mentores do retrato comercial luandense. O renomado artista de imagem, da era pré e pós-Independência, aprendeu a profissão nos laboratórios de fotógrafos portugueses, nos idos anos de 1963.

Durante a década de 1960, colaborou, como “freelancer”, nos jornais “ABC”, “Diário de Luanda”, “Província de Angola”, “Jornal o Comércio” e no CITA (Centro de Informação e Turismo de Angola). A seguir, foi fotógrafo do Instituto Nacional de Estradas (INE), tendo contribuído para o registo histórico das vias nacionais, entre os anos 1970 e 90. Em 1976, fundou a casa de fotografia “Foto Carmona”, estúdio que se notabilizou na época, nos arredores da Igreja Sagrada Família, bairro Maculuso. À época, outras casas, destacaram-se, igualmente como as fotos Ventura, Zoom, Bel’arte, Feliz ...

“Dada a sua importância, naquela época, fazer fotografia era uma profissão nobre e pro-



duzia riqueza e dignidade a quem a exercia. Fui um homem respeitado na altura. Construí a vida e família com os proventos desta arte”, revelou. “Nos anos 70, quem viesse do interior para Luanda tinha a casa Carmona como preferência para fazer fotografia para todos os gostos”, explica o mais velho, 76 anos, com a voz trêmula. A recuperar de trombose, que

lhe paralisou parcialmente os membros, superior e inferior, do lado esquerdo, lembra com nostalgia a contribuição das suas imagens para o conhecimento da História de Angola e preservação da identidade das famílias angolanas. Em 1976, fundou a Associação dos Fotógrafos de Angola (AFA), que visa a defesa dos interesses dos associados.

Três épocas marcam a Fotografia

O pesquisador de cinema e fotografia, Nambi Wanderley Vieira Quintino revelou que o surgimento e massificação da fotografia em Angola resume-se a três épocas distintas: “do período da colonização até à Independência, da época pós-Independência até 1992, e desta ao tempo actual”.

De acordo com a pesquisa que serviu para a sua tese de licenciatura, no Curso de Ciências da Comunicação, em 2010, o fotógrafo e docente universitário explica que a primeira fase foi dominada basicamente pelos fotógrafos portugueses, com destaque para a mudança brusca, em 1948, com o slogan “Vamos descobrir Angola”, liderado por Viriato da Cruz. Ao processo juntaram-se fotógrafos e entusiastas de todas as raças de Angola, começando a retratar o país de lés a lés. Documentaram todos os aspectos da vida quotidiana angolana e, ao mesmo tempo, vários anónimos faziam os álbuns de família e fotos publicitárias.

Como segundo momento aponta a “Era da conquista e reforma”. Explicou que o período pós-Independência a 1992, logo no início, foi caracterizado pela afirmação dos nacionais. Nessa altura, acrescenta, os autóctones que ganharam a simpatia dos colonos, então patrões, ficaram com os estúdios de fotografia que estes deixaram na hora da fuga. Desta forma, alguns nacionais tornaram-se patrões.

“Os angolanos assumem assim a liderança da fotografia em Angola”. Destaca também, após o 27 de Maio de 1977, o controlo da fotografia institucional pelo Estado, com a criação da Agência de Fotografia ENFOTO-DIPE, que era responsável pela cobertura de actividades governamentais.

“Grande parte dos fotógrafos ao serviço do Estado, nesta época, receberam capacitação e formação no exterior, com destaque para Rússia, Bulgária e Alemanha. Internamente, a formação foi orientada por professores cubanos”, salientou.

O antigo director executivo da Revista Talentos, Nambi Wanderley explicou que parte dos fotógrafos que surgiram de 1992 em diante receberam experiência e ensinamentos dos mais velhos da época anterior, 1975 a 92.

Para o professor, que lecciona a cadeira de Escrita para os *media*, Fotojornalismo e Técnicas de Imprensa, no Instituto Superior e Politécnico de Angola (ISIA), a terceira época, de 1992 ao tempo actual, é considerada era do “boom” da fotografia em Angola. Taxa como o período em que se registou o surgimento e massificação de fotógrafos, com maior destaque para Luanda.

“Com o êxodo populacional do interior para as grandes cidades, devido ao recrudescimento da guerra em 92, os médicos de nacionalidade vietnamita, que trabalhavam em Angola, viram no grupo de jovens em idade activa, concentrados em Luanda,

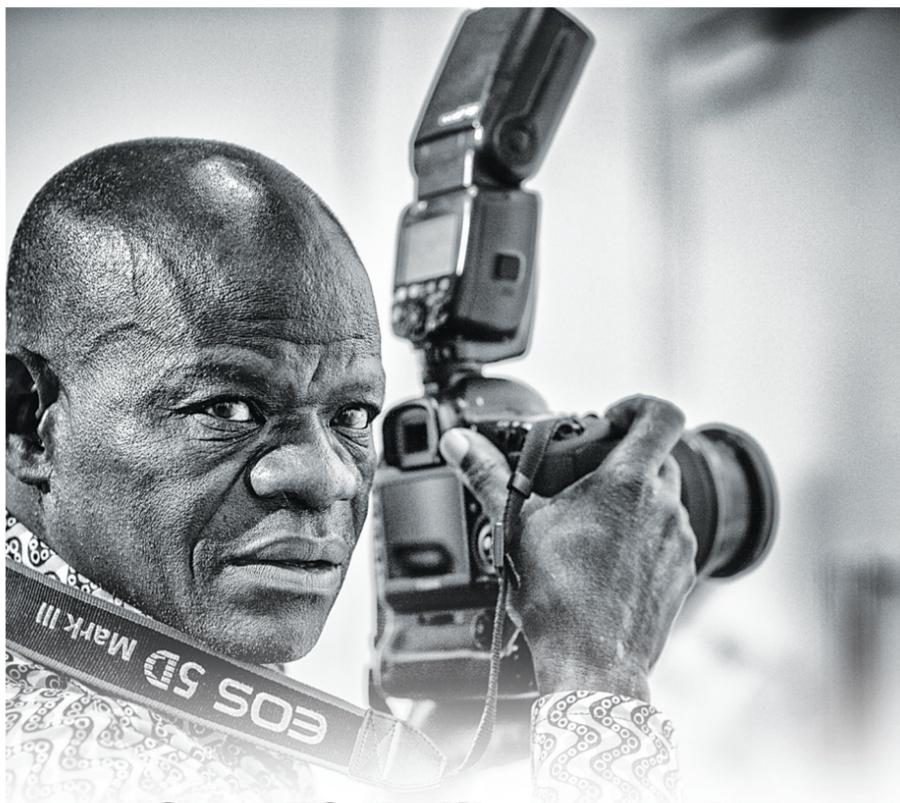
a oportunidade de investirem na fotografia. Importaram laboratórios fotográficos, máquinas semi-profissionais e profissionais e instalaram-se em pontos estratégicos da cidade. Venderam máquinas a baixo custo e lançaram preços atraentes nos laboratórios”.

Desta forma, resume, surgiram vários fotógrafos que ploriferaram os jardins, conservatórias, festas de aniversário e de casamento, campos de futebol e outros lugares, sustentando famílias, através do “click” da máquina fotográfica, numa profissão em que muitos ainda persistem até ao momento.

De acordo com o docente universitário, em Angola não há escolas para ensino específico da fotografia. Revelou existirem associações que têm contribuído para o efeito, na vertente prática e direccionada aos associados. Dada a sua importância, o fotojornalista considera que o ensino da fotografia deveria ser implementado nas escolas a partir do ensino primário.

Quanto ao associativismo fotográfico em Angola, garante que é débil, a julgar pelo desempenho das poucas instituições que existem, tendo em conta a falta de projectos e programas que satisfaçam os interesses dos associados.

“Infelizmente, as pessoas ainda entram no associativismo fotográfico, pensando satisfazer interesses pessoais. Enquanto assim for, dificilmente teremos instituições capazes de ajudar o desenvolvimento da actividade em Angola”.



Cota 50, brilhou nos Jogos Olímpicos de Moscovo

Conheceu a fotografia nos anos 1960, na altura com 13 anos, quando foi sidido detido pelas tropas coloniais, nas matas de Nambuangongo, Bengo. Paulino Damião, conhecido por Cota 50, foi dos pioneiros da reprodução da fotografia rudimentar e artística, produzida com uma câmara escura, com forma de caixote inventado entre os anos 70 e 80.

De acordo com o próprio, a caixa servia de laboratório, dando possibilidade de fazer a foto e ao mesmo tempo a revelação.

“Nela, continha um orifício com abertura do tamanho de uma agulha, que, à medida do tempo e da necessidade, ia alargando. A velocidade era uma tampa que abria e fechava instantaneamente. Podia ser ao lado ou de cima para baixo e ao sinal da contagem”, explicou.

Com a máquina de furo, acrescenta, metia-se o papel que servia de película. “Este era a primeira foto já tirada pela própria máquina, o chamado negativo. Encostava-se com um pedaço de madeira à primeira foto, que, em seguida, era refotografada. A imagem voltava

para a máquina e dava lugar à segunda foto, o positivo, que dava a fotografia acabada”.

Fotojornalista reformado da Edições Novembro EP, destaca na sua carreira a cobertura dos Jogos Olímpicos de Moscovo, em 1980, na companhia do então jornalista Vítor Silva, actual PCA da empresa. Conta que, por ser o único fotojornalista negro na altura, a sua presença despertou a atenção do público nos estádios, o que suscitou curiosidade de alguns órgãos de comunicação. Consta também no seu registo histórico a cobertura da primeira visita do Presidente Agostinho Neto ao *Jornal de Angola*, em 1976, data que marcou a mudança do nome de Província de Angola para *Jornal de Angola*.

Cota 50 lembra a cobertura de papas a Angola, João Paulo II, no mês de Junho de 1992, e papa Bento XVI em Março de 2009, de quem afirma ter recebido uma medalha que guarda como lembrança. Paulino Damião dedica-se actualmente à fotografia artística e da natureza, para fins de exposição.



04. Fevereiro de 1976 - Chegada e Lendo do Presidente Agostinho Neto



4 de Fevereiro de 1975 - Chegada triunfal a Luanda do Presidente Dr. António Agostinho Neto



FOTOS: CARLOS GUIMARÃES



11 de Novembro de 1975 - Proclamação da Independência Nacional. Presidente Agostinho Neto a preferir o discurso da Proclamação.

